Confluências Culturais
Revista Interdisciplinar

v. 14, n. 2 – 2025 – ISSN 2316-395X

A política partidária em Joinville durante a Terceira República (1947-1960)

Party politics in Joinville (SC), Brazil, during the Third Republic (1947–1960)

La política partidista en Joinville (SC), Brazil, durante la Tercera República (1947–1960)

Vinícius José Mira[1]

Recebido em: 2 mar. 2025
Aceito para publicação em: 19 maio 2025

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar historicamente a política partidária em Joinville durante a experiência democrática da Terceira República, com foco nas cinco disputas pelo Executivo municipal no período, quais sejam, 1947, 1950, 1955, 1958 e 1960, dada a inexistência de produções historiográficas sobre o assunto. A intenção é fornecer alguns indícios para a compreensão histórica do panorama geral de cada eleição, caracterizando, na medida do possível, a correlação de forças em cada pleito, os principais assuntos do debate eleitoral e os desdobramentos a longo prazo de cada eleição. Para tal, é feito uso da imprensa periódica local como fonte – os jornais *A Notícia* e *Jornal de Joinville* –, além de entrevistas com personagens históricos pertinentes ao recorte proposto, produzidas de acordo com a metodologia da História Oral e salvaguardadas no Laboratório de História Oral da Univille.
Palavras-chave: Joinville; História Política; Santa Catarina.

Abstract: The aim of this article was to historically analyse party politics in Joinville (SC), Brazil, during the democratic experience of the Third Republic, focusing on the

[1] Doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na linha de pesquisa Culturas, Políticas e Sociabilidades, vinculado ao Laboratório de Estudos da Contemporaneidade (LEC). Mestre em História pela Udesc e licenciado em História pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4628-3232.

five elections for the municipal executive in the period – 1947, 1950, 1955, 1958, and 1960 –, given the lack of historiographical production on the subject. The intention was to provide some indications for a historical understanding of the panorama of each election, characterizing, as far as possible, the correlation of forces, the main issues in the debates, and the long-term consequences of each election. To this end, the local periodical press was used as a source – *A Notícia* and *Jornal de Joinville* –, as well as interviews with historical figures pertinent to the proposed section, produced in accordance with the oral history methodology and found at Univille's Oral History Laboratory.
Keywords: Joinville; political history; Santa Catarina.

Resumen: El objetivo de este artículo fue analizar históricamente la política de partidos en Joinville (SC), Brasil, durante la experiencia democrática de la Tercera República, centrándose en las cinco elecciones para el ejecutivo municipal en el período – 1947, 1950, 1955, 1958 y 1960 –, dada la falta de producción historiográfica sobre el tema. La intención fue proporcionar algunas indicaciones para una comprensión histórica del panorama de cada elección, caracterizando, en la medida de lo posible, la correlación de fuerzas, los principales temas del debate electoral y las consecuencias a largo plazo de cada elección. Para eso, se utilizó como fuente la prensa periódica local – *A Notícia* y *Jornal de Joinville* –, así como entrevistas con personajes históricos pertinentes a la sección propuesta producidas de acuerdo con la metodología de la historia oral y encontradas en el Laboratorio de Historia Oral de Univille.
Palabras clave: Joinville; historia política; Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Em 11 de maio de 1958, os joinvilenses foram às urnas para escolher quem ocuparia o Executivo municipal até janeiro de 1961. Tratou-se de uma eleição fora de hora, para designar um "mandato-tampão", tendo em vista que João Colin fora eleito em outubro de 1955 para ser prefeito de Joinville até janeiro de 1961, mas como ele faleceu em dezembro de 1957, antes mesmo de completar dois anos no cargo, foi preciso eleger um novo representante para a vaga. Entre a posse do novo prefeito, em junho de 1958, e o falecimento do antecedente, em dezembro do ano anterior, a função foi exercida interinamente pelo então presidente da Câmara de Vereadores, Dario Geraldo Salles[2].

Tão imponderável quanto a necessidade da eleição foi o seu resultado. Apesar da popularidade e da comoção gerada pelo falecimento de João Colin, o principal personagem político de Joinville na época, o seu partido (União Democrática Nacional – UDN) saiu derrotado. O revés foi tão significativo que o articulista do periódico *O Estado*, de Florianópolis, notadamente favorável ao Partido Social Democrático (PSD), comemorou a "fragorosa derrota do situacionismo", chamando o insucesso da UDN em um de seus principais redutos em Santa Catarina de "explosão da fortaleza tida como indestrutível" (Ramos, 1958, p. 1).

[2] A primeira eleição municipal em que foram eleitos prefeito e vice-prefeito ocorreu em 1969, quando os vencedores do pleito foram Harald Karmann e Luiz Carlos Garcia, ambos da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Até então, a função de vice-prefeito era desempenhada pelo presidente da Câmara de Vereadores.

O pleito de 1958 foi um ponto de virada na correlação de forças da política partidária da cidade. Até então, desde o fim do Estado Novo e o surgimento das novas agremiações partidárias, em 1945, a UDN havia vencido todas as eleições para o Executivo municipal em Joinville, além de ter obtido a maior quantidade de sufrágios na cidade para os candidatos ao governo estadual do partido ou apoiados por ele.

A partir de 1958, até o golpe de 1964, a correlação de forças mudou. O PSD – ou os candidatos de outros partidos apoiados por ele – foi vitorioso nos pleitos municipais e mais votado nas eleições para o governo estadual. No caso específico de 1958, a derrota da UDN deu-se por meio de uma coligação intitulada "União Joinvillense", que congregou, além do PSD, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido da Representação Popular (PRP). Este último, com o industrial Baltasar Buschle, era a cabeça da chapa.

Em face do exposto, o objetivo deste artigo é analisar historicamente a política partidária em Joinville durante a experiência democrática da Terceira República[3], com foco nas cinco disputas pelo Executivo municipal no período, quais sejam, 1947, 1950, 1955, 1958 e 1960, dada a inexistência de produções historiográficas sobre o assunto. A intenção é fornecer alguns indícios para a compreensão histórica do panorama geral de cada eleição, caracterizando, na medida do possível, a correlação de forças em cada pleito, os principais assuntos do debate eleitoral e os desdobramentos a longo prazo de cada eleição.

Para atingir tal objetivo, é feito uso da imprensa periódica local como fonte – os jornais *A Notícia* e *Jornal de Joinville* –, além de entrevistas com personagens históricos pertinentes ao recorte proposto, produzidas de acordo com a metodologia da História Oral e salvaguardadas no Laboratório de História Oral da Univille.

Do ponto de vista heurístico, o manuseio das fontes orais deu-se por meio das contribuições de alguns manuais de caráter teórico-metodológico. Cabe citá-los: *Manual de História Oral*, de Verena Alberti (2005); *História Oral: como fazer, como pensar*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007); e *Memórias e narrativas: História Oral aplicada*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Leandro Seawright (2020).

Tratando-se da imprensa periódica, as análises partiram dos subsídios de autores como Tania Regina de Luca (2008, p. 132-141), a respeito dos periódicos como fonte histórica. Além dos aspectos metodológicos da análise dos noticiários, destacamos os imbricamentos entre o conteúdo da publicação em si e o lugar social ocupado pelo periódico, seus interesses financeiros e suas ligações cotidianas. Os jornais são locais privilegiados para encontrar dados sobre a sociedade, seus costumes, suas questões econômicas e políticas (Capelato, 1988, p. 21). Em direção semelhante, José D'Assunção Barros (2021, p. 407) indicou a necessidade de se atentar a aspectos além do conteúdo do jornal em si, como o lugar de produção, a materialidade, a polifonia e as seções temáticas que compõem o periódico. O historiador deve desenvolver uma sensibilidade com a materialidade histórica do noticiário, atentando-se para a identificação do periódico e seus aspectos gráficos e editoriais (Cruz; Peixoto, 2007, p. 261-265).

O texto está doravante dividido em três partes. Na primeira delas, trata-se do período entre 1947 e 1958, isto é, o recorte da predominância da UDN nas eleições municipais de Joinville, o "tempo da fortaleza udenista". A segunda parte trata da política partidária após o resultado de 1958, quando a correlação de forças tendeu em favor do PSD. Este é o "tempo da União Joinvillense". Por fim, o texto apresenta reflexões gerais, à guisa de conclusão.

[3] Utiliza-se aqui o termo "Terceira República" para fazer referência à experiência democrática ocorrida no Brasil após o fim do Estado Novo e antes do golpe de 1964, na esteira das contribuições historiográficas de Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira (2018, p. 253-254).

O TEMPO DA FORTALEZA UDENISTA

O primeiro pleito municipal após o fim do Estado Novo foi realizado no final do ano de 1947. Concorreram quatro candidatos, representantes das quatro agremiações partidárias de relevância política e eleitoral durante a vigência da República de 1946, quais sejam: João Colin, pela União Democrática Nacional; Norberto Bachmann, pelo Partido Social Democrático; Conrado de Mira, pelo Partido Trabalhista Brasileiro; e Rodolfo Meyer, pelo Partido da Representação Popular.

De partida, é possível perceber um caráter paradigmático bastante forte no pleito. Era a primeira eleição direta para o Executivo municipal em mais de uma década, e os corações e mentes ainda portavam a lembrança dos recentes acontecimentos, dos tempos da guerra, da Campanha de Nacionalização e da afeição aos experimentos políticos fascistas de ambos os lados do Atlântico (Olhemos [...], 1947, p. 1; Não olvidemos [...], 1947, p. 1; O grande [...], 1947, p. 1).

No plano local, o grande problema enfrentado por Joinville era o abastecimento de água. O candidato do PSD, Norberto Bachmann, prometia fazer valer o apoio de seu correligionário, o governador de Santa Catarina eleito em janeiro daquele ano, Aderbal Ramos da Silva, para resolver a questão (Um candidato [...], 1947, p. 1). Ao mesmo tempo, a campanha da UDN, de João Colin, explorava politicamente o problema do abastecimento e o associava ao partido do governador e, por conseguinte, de Bachmann (A U.D.N [....], 1947, p. 1).

Essa disputa entre as campanhas manifestou-se nas ruas e nos púlpitos. Militantes do PSD e da UDN rasgaram os cartazes de campanha de seus adversários e/ou os impediram de efetuar a colagem. O tema foi assunto de acalorado debate na Assembleia Legislativa de Santa Catarina pelos deputados joinvilenses das duas agremiações (Intolerantes [...], 1947, p. 8; Violências [...], 1947, p. 1).

Duas críticas são bastante recorrentes nas eleições municipais durante a República de 1946, uma de teor etarista e outra de conotação xenofóbica, a depender da idade e procedência do adversário. Os 60 anos do mineiro Norberto Bachmann eram um prato cheio para os udenistas que o acusavam de "forasteiro" e "velho", simultaneamente à exploração política por parte dos pessedistas dos apenas 36 anos de "mocidade leviana" de João Colin (A virtude [...], 1947, p. 1; Será [...], 1947, p. 1).

Apuradas as urnas, foi vencedor João Colin (UDN), com 5.266 votos (55,96%), batendo Norberto Bachmann (PSD), com 3.068 sufrágios (32,60%), Conrado de Mira (PTB), com 624 (6,64%), e Rodolfo Meyer (PRP), com 452 (4,80%). Interessantemente, a votação para o Executivo municipal nos quatro partidos foi bastante parecida com o montante de sufrágios obtidos para o Legislativo local, também disputado naquele pleito (UDN com 5.266 votos para prefeito e 5.303 para a Câmara de Vereadores; PSD com 3.068 e 3.171; PTB com 624 e 552; e PRP com 452 e 461), o que denota um nível não desprezível de coerência político-ideológica e/ou identificação partidária, apesar da recente existência das agremiações. Como resultado, a UDN elegeu nove vereadores, e o PSD, quatro (O resultado [...], 1947, p. 1; Resultados [...], 1947, p. 1).

O mesmo calor das ruas que marcou a campanha também foi perceptível após apuradas as urnas. Partidários da UDN comemoraram o resultado com foguetórios, além do provocante lançamento de bombas em direção às residências de conhecidos pessedistas (Excessos [...], 1947, p. 1).

Esses embates entre o PSD e a UDN, nas urnas e nas ruas, são indícios de um processo maior em Joinville durante a República de 1946. O PSD e a UDN estiveram em lados opostos em todas as disputas pelo Executivo municipal durante a duração do

sistema partidário vigente a partir de 1945, cada qual com sua rede político-empresarial, seu periódico propagandista e sua emissora de rádio local. Não apenas estiveram em lados opostos, como igualmente polarizaram os pleitos.

Em nível regional, a vitória contundente de João Colin credenciou-o como um dos principais quadros da UDN em Santa Catarina, tendo em vista que foram poucas as vitórias do partido nas eleições municipais daquele ano. Além de Joinville, o partido da "eterna vigilância" – como era conhecida a agremiação, em função de seu lema "o preço da liberdade é a eterna vigilância" – conseguiu vitórias significativas apenas nas cidades de Araranguá, Blumenau, Caçador e Camboriú (Laus, 1985, p. 165-166). Talvez por isso João Colin se julgava credenciado a alçar voos maiores nas próximas eleições, em 1950, em busca do Executivo estadual.

O prazo eleitoral para a descompatibilização dos políticos que quisessem disputar cargos nas eleições de 1950 foi estabelecido para o início de abril daquele ano. Logo, o mês de março foi recheado de articulações, boatos e movimentos políticos. João Colin buscava a indicação da UDN para disputar a sucessão estadual. Ao mesmo tempo, seu sucesso (ou não) nessa empreitada impactava a sucessão municipal, em que os candidatos mais cotados eram Rolf Colin (primo de João) e Henrique Meyer Júnior (amigo próximo de João), ambos vereadores pela UDN (Depende [...], 1950, p. 1 e p. 7; Sabemos [...], 1950, p. 1 e p. 7).

No decorrer do mês de março, tornaram-se mais perceptíveis as duas alas da UDN de Santa Catarina, uma apoiadora de Irineu Bornhausen e a outra de João Colin, embora ambos negassem o diagnóstico de divisão na agremiação em seus pronunciamentos públicos (Existem [...], 1950, p. 1 e p. 7; Irineu [...], 1950, p. 1 e p. 7; Nomes [...], 1950, p. 1 e p. 7). Naquele contexto, Irineu Bornhausen já havia disputado a eleição estadual de 1947, quando foi derrotado por Aderbal Ramos da Silva, e era a principal liderança partidária da UDN em Santa Catarina.

O desfecho não foi muito diferente do que era esperado. João Colin renunciou ao cargo de prefeito no fim de março, de tal modo a estar apto a disputar a sucessão estadual em outubro. O que talvez tenha surpreendido foi o movimento seguinte. Por motivos até então desconhecidos, o presidente da Câmara de Vereadores, Rolf Colin, declinou do direito que possuía como substituto legal do prefeito, e foi preciso uma eleição indireta para escolher quem cumpriria o restante do mandato, até janeiro de 1951. Para o cargo foi eleito o comerciante Emílio Stock Júnior, sem passagem anterior pela política partidária, que prometeu continuidade administrativa às obras em curso (Renunciou [...], 1950, p. 1; Não haverá [...], 1950, p. 1 e p. 6).

O movimento de Rolf Colin, de abdicação da prerrogativa que lhe era de direito na linha sucessória do Executivo municipal, fez sentido no segundo semestre de 1950. Em vez de 10 meses entre o fim de 1950 e o início de 1951 à frente da prefeitura, ele preferiu disputar as eleições seguintes para ocupar o cargo pelos próximos 5 anos, pela UDN.

O adversário de Rolf Colin seria Rodrigo de Oliveira Lobo, tabelião oriundo de família com tradição na política catarinense desde os tempos imperiais, eleito vereador pelo PSD em 1947, mas que trocou o partido pelo PTB no decorrer da legislatura. Em função disso, a autenticidade do político trabalhista era alvo de suspeição por parte de seus adversários (Pingo [...], 1950, p. 3).

A eleição de 1950 inaugurou uma tendência que se repetiu em todos os pleitos locais seguintes durante a vigência do sistema partidário da República de 1946: PSD e PTB marchando unidos. No recorte proposto para o presente estudo, a eleição de 1950 foi a única em que a cabeça da chapa foi desempenhada pelo PTB, com Rodrigo Lobo. A coligação dos dois partidos resultou em candidaturas bastante competitivas nos

setores urbanos da cidade, principalmente nos bairros de marcada presença da classe trabalhadora.

Naquele ano de 1950, em especial, com a candidatura presidencial de Getúlio Vargas, os ventos sopravam a favor do trabalhismo. Não por acaso, a plataforma de governo de Rodrigo Lobo fazia claros acenos à classe trabalhadora da cidade. Entre as propostas da campanha estavam a construção de casas populares, a isenção de impostos sobre bicicletas para operários e lavradores e a isenção de impostos sobre produtos agrícolas oriundos de pequenas propriedades (Aceitou [...], 1950, p. 1; Amplo [...], 1950, p. 8).

Talvez em função da conjuntura nacional favorável, o PSD apoiou a candidatura trabalhista de seu egresso, Rodrigo Lobo, mas não sem cobrar um preço considerável: o apoio do PTB local à candidatura do PSD ao governo de Santa Catarina, de Udo Deeke (Candidato a prefeito [...], 1950, p. 1 e p. 8). Isso não quer dizer que os trabalhistas joinvilenses tenham pagado a fatura devida. Carlos Gomes de Oliveira, joinvilense candidato ao Senado Federal pelo PTB, estabeleceu uma aliança com Irineu Bornhausen, da UDN, na direção contrária à correlação nacional de forças (Araujo, 2013, p. 95; Laus, 1985, p. 178-179). Segundo o acordo, os udenistas votariam em Carlos Gomes para o Senado, para desbancar o pessedista Nereu Ramos, enquanto os trabalhistas votariam em Irineu Bornhausen para o governo de Santa Catarina para derrotar o pessedista Udo Deeke. A incompatibilidade das alianças acarretou diversas manobras de cúpula e de bastidores, incluindo uma intervenção no diretório petebista e recursos impetrados à justiça eleitoral.

Aliás, essa é uma peculiaridade do pleito de 1950. Todos os cargos estavam em disputa: Executivo e Legislativo municipal, Executivo e Legislativo estadual e Executivo e Legislativo federal. Como resultado, a lógica de forças local, regional e nacional não necessariamente coincidia. O PTB, por exemplo, aliou-se ao PSD em Joinville (contra a UDN), à UDN em Santa Catarina (contra o PSD) e ao Partido Social Progressista (PSP) em nível federal (contra o PSD e contra a UDN). Não necessariamente os eleitores seguiram as diretrizes das cúpulas partidárias à risca, mas as vitórias de Irineu Bornhausen e Carlos Gomes de Oliveira desbancando os situacionistas sinalizam pelo menos um certo grau de eficácia do acordo em âmbito estadual.

Do lado da UDN, na disputa pela Prefeitura de Joinville, as propostas eram mais modestas se comparadas ao programa de Rodrigo Lobo. Rolf Colin reservou-se o direito de não fazer promessas, apenas assumindo o compromisso de lidar com o problema do abastecimento (que mais uma vez tinha protagonismo no período eleitoral) e de realizar o que fosse possível dentro do programa de governo projetado na gestão do seu primo, João Colin (Rolf [...], 1950, p. 3).

A falta de propostas da candidatura udenista foi motivo de deboche por parte dos adeptos da chapa PTB-PSD. Além de considerar o programa limitado, o articulista ironizou o caráter nepótico da candidatura, na qual "D. Colin II" (Rolf) sucederia "D. Colin I" (João) (Candidato pouco [...], 1950, p. 1). Os detratores da gestão de João Colin reconheciam o calçamento das principais ruas da cidade como um legado da sua gestão, mas faziam a ressalva do caráter desorganizado da empreitada, além do aumento de impostos associado a ela (Auditório [...], 1950, p. 1).

Assim como no pleito anterior, o passado recente da Segunda Guerra Mundial ainda era um tópico sensível, a ser mobilizado no período de campanha eleitoral. A campanha PTB-PSD defendeu Nereu Ramos, então senador, vice-presidente e candidato ao Senado Federal, das acusações feitas pela UDN. Segundo texto publicado na imprensa, Nereu Ramos não fez uso dos poderes discricionários de que dispunha, durante o Estado Novo,

contra seus inimigos políticos, alegando que o político lageano salvou João Colin da prisão, em função da presença do industrial joinvilense na lista dos colaboradores do nazismo (Insulto [...], 1950, p. 1).

A resposta da UDN veio no dia seguinte, assinada por João Colin. Ele se defendeu da alegada presença na lista dos colaboradores do nazismo afirmando que a firma "Carlos Hoepcke S/A" também constava na relação. Em 1950, seu proprietário era o genro de Carl Hoepcke Junior, Aderbal Ramos da Silva, então governador de Santa Catarina pelo PSD. Logo, afirma ele, é possível "concluir, partindo daí, que o sr. Aderbal Ramos da Silva é nazista? Ou era?" (Colin, 1950, p. 1).

Ainda no que se trata dos passados presentes em 1950, da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, a candidatura PSD-PTB contou com um pujante cabo eleitoral: Getúlio Vargas. O presidenciável e sua comitiva realizaram um comício no Jardim Nereu Ramos, na região central de Joinville, com grande comparecimento de populares e de figuras ilustres da política partidária regional, coligadas ou não com o PTB local, incluindo o próprio candidato ao Senado que batizava o local do evento (Organizado [...], 1950, p. 1; Dará [...], 1950, p. 1 e p. 8; Assinalou [...], 1950, p. 1 e p. 7). Nereu Ramos recebeu apoio de Vargas, apesar de o PTB contar com um candidato próprio à vaga, o joinvilense Carlos Gomes de Oliveira, acarretando crise no diretório local petebista (Crise [...], 1950, p. 1 e p. 7; Verdadeiramente [...], 1950, p. 1 e p. 7; Acaloradíssima [...], 1950, p. 1 e p. 7).

Novamente a vitória foi da UDN. Rolf Colin obteve 6.499 sufrágios (60,90%) contra 4.171 (39,10%) de Rodrigo Lobo. Para a Câmara de Vereadores, o partido elegeu 7 edis, contra 4 do PSD e 2 do PTB (7 vereadores [...], 1950, p. 1 e p. 7). O governo de Santa Catarina ficou com Irineu Bornhausen, também da UDN, e a vaga no Senado com Carlos Gomes de Oliveira, do PTB, que havia se coligado com o partido da "eterna vigilância".

O resultado das urnas revela uma interessante tendência eleitoral que se repetiu nos pleitos seguintes. Pela logística da apuração dos votos e pela organização das seções eleitorais, os primeiros sufrágios a serem apurados eram de eleitores das regiões urbanizadas da cidade. Nos primeiros boletins de apuração publicados na imprensa, nos dias seguintes ao pleito, Rodrigo Lobo chegou a liderar a apuração por quase 300 votos de diferença (1.906 a 1.672), conforme resultado parcial publicado na imprensa em 8 de outubro. Naquele mesmo dia, Getúlio Vargas lograva uma vantagem de mais de 1.300 votos em relação ao Brigadeiro Eduardo Gomes (2.477 a 1.106). Contudo, à medida que eram apuradas as urnas da região rural da cidade, a balança pendeu para o outro lado nos dias seguintes da apuração. No fim da votação, da superioridade parcial de 1.300 votos, Getúlio Vargas obteve menos de 200 sufrágios de vantagem em relação ao candidato da UDN, enquanto Rodrigo Lobo, da liderança parcial por 300 votos, foi derrotado por mais de 2.300 cédulas eleitorais de diferença (7 vereadores [...], 1950, p. 1 e p. 7). Dito com outras palavras, a aliança PTB-PSD era mais competitiva nos setores urbanos da cidade, ao passo que a UDN tinha sua força na zona rural de Joinville.

João Colin, que havia iniciado o ano de 1950 pleiteando a indicação da UDN para concorrer ao governo de Santa Catarina, foi eleito deputado estadual e vereador no mesmo pleito, algo possível na época. Ele optou pelo Legislativo estadual, mas acabou se licenciando do cargo para assumir a Secretaria de Estado da Viação, Obras Públicas e Agricultura do governo estadual. Tal posição possuía certo prestígio, tendo em vista que obras rodoviárias e feitos no setor de transportes estiveram entre as principais bandeiras e realizações do mandato de Irineu Bornhausen (Laus, 1985, p. 220). Ainda que a ambição do Executivo estadual não tenha se concretizado, João Colin permaneceu como o principal político de Joinville no início da década de 1950. O maior indício disso

foi a massiva chancela recebida por ele na eleição seguinte, em 1955, para um segundo mandato à frente da Prefeitura de Joinville.

Depois da dura derrota regional de 1950, o PSD aproximou-se do PTB, formando a coligação chamada de Aliança Social Trabalhista, que vigorou até o fim da vigência do sistema partidário da República de 1946 (Lenzi, 1983, p. 136; Araujo, 2013, p. 175). A primeira edição do acordo deu-se nas eleições de 1954, quando as duas agremiações conseguiram eleger seus respectivos representantes para as duas vagas em disputa do Senado Federal, com os primos Nereu Ramos, pelo PSD, e Saulo Ramos, pelo PTB. A partir de então, "Aliança Social Trabalhista" seria um termo bastante evocado em disputas locais, talvez mais pela sua capacidade de evocação simbólica do que pelos resultados de mobilização política efetiva, ainda que a união entre PSD e PTB fosse capaz de apresentar candidaturas muito competitivas.

A coligação seria ainda mais significativa no ano seguinte, 1955, em que PSD e PTB estavam coligados nas três instâncias em disputa: Jota Gonçalves como cabeça da chapa PSD-PTB para a Prefeitura de Joinville; Francisco Gallotti para o governo estadual, pelo PSD, com José de Miranda Ramos de candidato a vice-governador, pelo PTB; e Juscelino Kubitschek, pelo PSD, na disputa pela presidência, com João Goulart (Jango), do PTB, de candidato a vice-presidente.

Aliás, foi pela Aliança Social Trabalhista que o radialista natural de Canoinhas Jota Gonçalves (nome artístico de José Gonçalves) foi eleito vereador, com a segunda maior votação para o Legislativo municipal de Joinville, em 1954. No ano seguinte, a reedição da aliança buscava o Executivo municipal.

Assim como em 1947, a crítica de conotação xenofóbica fez-se presente. O radialista canoinhense precisou se defender daqueles que rogavam por um prefeito joinvilense para Joinville, assim como havia acontecido com Norberto Bachmann (Gonçalves, 1955, p. 1). A sua candidatura apostava em acenos à classe trabalhadora, em função da carestia (O exemplo [...], 1955, p. 3); nas críticas à gestão municipal de Rolf Colin e estadual de Irineu Bornhausen, esta em particular, pela suntuosidade de algumas obras e a não realização de outras (O povo [...], 1955, p. 3; É o maior, 1955, p. 3); e na força local dos membros da Aliança Social Trabalhista, de políticos do PSD e do PTB, como Francisco Benjamin Gallotti, José de Miranda Ramos, Adhemar Garcia, Rodrigo Lobo e Nereu Ramos, além do contexto eleitoral nacional, materializado na vinda de João Goulart a Joinville para um discurso (A História [...], 1955, p. 3; Jango [...], 1955, p. 1).

Pelo lado da UDN, João Colin apostava nas suas credenciais profissionais de advogado, industrial, ex-prefeito e ex-secretário da Viação, Obras Públicas e Agricultura e no legado da sua gestão anterior (1947-1950): calçamento de ruas, saneamento das contas públicas, construção de escolas e estradas, entre outras realizações (Formada [...], 1955, p. 1; João Colin retornará [...], 1955, p. 1). Em outras palavras, a campanha udenista defendia que a opção por João era um "voto seguro", um sufrágio ciente do que se podia esperar.

Seus comícios contavam com importantes cabos eleitorais da UDN, como os deputados Tupy Barreto e Paulo Konder Bornhausen, e os candidatos regionais apoiados pelo partido naquela eleição, Heriberto Hülse e Jorge Lacerda. Além disso, eram eventos bastante animados, com grandes montantes de populares presentes, embalados pela marchinha *As águas vão rolar*, também conhecida como *Saca-rolha*, sucesso do carnaval do ano anterior, de autoria de Zé da Zilda e Zilda do Zé (Em todos [...], 1955, p. 1 e p. 4). Curiosamente, o nome de batismo de um dos compositores da canção era José Gonçalves, o mesmo do adversário de João Colin naquele pleito.

O resultado das urnas confirmou a força da UDN. João Colin recebeu 8.603 votos (57,84%) contra 6.116 sufrágios obtidos por Jota Gonçalves (41,12%). Na realidade, o

resultado foi ainda melhor do que o previsto. Algumas semanas antes do pleito, o *Jornal de Joinville*, partidário da UDN, publicou uma estimativa do resultado das urnas em que João Colin obteria 7.432 votos (49,25%) contra 5.867 (38,89%) de Jota Gonçalves. O restante do percentual, 1.789 sufrágios (11,86%), seria obtido pela outra candidatura do pleito (Obterá [...], 1955, p. 1).

Além de Colin e Gonçalves, as eleições de 1955 também contaram com um terceiro candidato. Desprovido de uma rede político-empresarial de apoio e de meios de comunicação propagandistas, Conrado de Mira obteve apenas 153 votos, pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), um pouco mais de 1% das cédulas eleitorais válidas.

A dinâmica de apuração confirma a tendência percebida na eleição anterior. Na primeira parcial divulgada do escrutínio, no dia 5 de outubro, João Colin liderava por apenas um pouco mais de 300 votos, muito menos do que os quase 2.500 sufrágios de vantagem em relação ao segundo colocado, obtidos ao fim da apuração. Ou seja, a candidatura PSD-PTB mostrou-se competitiva nas primeiras seções apuradas, oriundas das regiões mais urbanas da cidade, mas a UDN distanciou-se na dianteira à medida que os sufrágios da zona rural passaram a ser contabilizados.

A comemoração da vitória de João Colin foi semelhante àquela realizada em novembro de 1947: manifestações populares de natureza diversa, incluindo caravana de automóveis, enquanto o vencedor do pleito encarou o resultado com tranquilidade, mantendo as suas atividades de industrial (João Colin, Lacerda [...], 1955, p. 1 e p. 4; João Colin muito [...], 1955, p. 1 e p. 4).

Em suma, o que é possível apreender da eleição de 1955? Um observador coetâneo aos acontecimentos redigiu um texto, intitulado *Porque Colin venceu as eleições?*, publicado na imprensa local após o resultado das urnas, que fornece alguns indícios das implicações do pleito. O articulista afirmou que a candidatura PSD-PTB era difícil de ser derrotada: a campanha contou com boa propaganda eleitoral no rádio e na imprensa, o apoio de muitos sindicatos locais e parlamentares estaduais e federais e um radialista competindo, lançado candidato com muita antecedência. Do outro lado, a UDN teve uma candidatura lançada de última hora, um único programa de rádio de 15 minutos de duração, às terças, quartas, sextas e sábados, comícios sem radiodifusão simultânea e propagandas no *Jornal de Joinville*. Logo, segundo o articulista, a vitória daquele pleito deveria ser atribuída não ao partido, mas ao candidato. O "voto certo", em João Colin, prevaleceu em relação ao "voto duvidoso", na Aliança Social Trabalhista. A título de conclusão, afirma ele: "O município passou por uma severa prova de fogo, cujo desfecho decidiu não somente esta última eleição, mas também as que tivermos dentro dos próximos dez anos" (Fallgatter, 1955, p. 1 e p. 4).

O autor do texto em questão era Helmut Fallgatter, então conhecido industrial e presidente da Sociedade Ginástica de Joinville. Ao que parece, ele era alheio à política partidária local no período, ainda que alguns dos textos de sua autoria de meados da década de 1950, elogiosos a políticos da UDN, tenham sido resgatados por seus adversários quando Fallgatter entrou na política partidária. Nos anos seguintes ele teve participação ativa no grupo que adquiriu o jornal *A Notícia* e foi eleito prefeito pelo PSD, em 1960. Isto é, dos dez anos seguintes à eleição de João Colin, de que Fallgatter fez menção no texto publicado em 1955, cinco deles aconteceriam sob a sua gestão na Prefeitura de Joinville, algo que ele, provavelmente, não imaginava em 1955. O que muitos também não imaginavam é que João Colin faleceria antes mesmo de completar dois anos à frente do Executivo municipal, em dezembro de 1957, forçando a realização de novas eleições em maio de 1958. Cumpre dizer: o cargo de vice-prefeito só passou a existir na cidade com as eleições de 1969. Antes disso, o presidente do Legislativo municipal substituía o prefeito sempre que necessário.

Verdade seja dita, o estado debilitado de saúde de João Colin era de conhecimento público pelo menos desde a campanha eleitoral de 1955, quando o tema era explorado politicamente por seus adversários. Naquela ocasião, o político udenista não negou a enfermidade que possuía, prometendo curar-se até a data de posse, em janeiro do ano seguinte (Mais de 3 [...], 1955, p. 1 e p. 4). Segundo depoimento concedido por sua filha, Rosemarie Colin Storrer (1982), João fumava em média 6 maços de cigarro por dia, ingeria pelo menos 20 "cafezinhos" diariamente e dormia menos de 5 horas por noite. Não por acaso ele acumulou uma série de enfermidades que culminaram em sua morte bastante precoce, aos 46 anos de idade.

Ainda assim, da piora no quadro clínico de João Colin ao seu falecimento passaram poucos dias. No início de dezembro de 1957, circulavam boatos na cidade sobre o estado de saúde do prefeito. Uma nota do gabinete da prefeitura, de 1.º de dezembro, avisou que Colin estava em tratamento em São Paulo e havia sido submetido a uma intervenção cirúrgica (O estado [...], 1957, p. 1). No dia seguinte, o prefeito licenciou-se por 120 dias do cargo, em função da necessidade de repouso exigida pelo seu estado de saúde. A função passou a ser exercida pelo presidente da Câmara de Vereadores, Dario Geraldo Salles, também da UDN (Melhor [...], 1957, p. 1).

A saúde de João Colin foi se debilitando nos dias subsequentes até o seu falecimento, em 12 de dezembro. O prefeito havia sido obrigado a buscar tratamento médico em São Paulo por causa de um derrame cerebral, simultaneamente a úlceras gástricas, que forçaram uma intervenção cirúrgica no estômago, à qual João Colin não resistiu (Perde [...], 1957, p. 1 e p. 8). Seus restos mortais foram transportados para Joinville por meio de um avião oferecido por Adhemar de Barros, então prefeito de São Paulo pelo PSP, que havia demonstrado afeição ao udenista joinvilense em contextos eleitorais anteriores.

A morte de João Colin gerou enorme comoção na cidade. Mesmo o jornal *A Notícia*, que tão recorrentemente havia detratado o político udenista em contextos eleitorais, reconheceu o legado do prefeito falecido:

> Como administrador, marcou espetacularmente sua estreia na vida pública, à sua primeira passagem pela Prefeitura Municipal, levando a cabo, numa gestão que não chegou a completar – por ter sido chamado ao exercício de outro posto – um revolucionário programa de reforma da administração interna, insuflando energias e mentalidade nova no governo municipal e pondo em prática um plano de obras públicas que teve o seu ponto mais alto na pavimentação das principais ruas da cidade, serviço inestimável ao progresso e ao conforto da população, que por si só bastaria para consagrar seus méritos de administrador (Perde [...], 1957, p. 1 e p. 8).

O dia seguinte ao falecimento de João Colin, quando foram realizadas as suas exéquias, foi considerado feriado (Joinville, 1957). Seu cortejo fúnebre partiu da então Rua Duque de Caxias. Ele não apenas residia ali, como o calçamento dessa via pode ser considerado a principal obra da sua primeira gestão. Talvez por isso, menos de uma semana após o seu falecimento, foi apresentado o projeto de lei para que a Rua Duque de Caxias fosse renomeada como "Rua Dr. João Colin", enquanto "Duque de Caxias" passou a designar a via próxima às dependências militares da cidade, outrora chamada de "Campos Novos" (Rua Dr. João [...], 1957, p. 1). Não muito tempo depois, Fritz Alt, conhecido artista plástico joinvilense, confeccionou uma escultura de João Colin, que está exposta no final da rua em homenagem ao ex-prefeito, em uma praça que também leva o seu nome.

Dito isso, as exéquias partiram da atual Rua Doutor João Colin, conduzidas pelo Corpo de Bombeiros Voluntários, passando por algumas ruas centrais da cidade até o

sepultamento. Inúmeras autoridades fizeram-se presentes, assim como a população em geral (Joinville, comovida [...], 1957, p. 1).

A popularidade desfrutada por João Colin e a enorme comoção gerada pelo seu falecimento faziam com que a UDN, com o candidato Henrique Meyer Júnior, fosse a grande favorita nas eleições a serem disputadas em 1958, para designar o prefeito que cumpriria os três anos restantes do mandato ao qual Colin fora eleito. Contudo, pela primeira vez desde a vigência do sistema partidário de 1945, o partido da "eterna vigilância" foi derrotado. Mais do que um acidente de percurso, tratou-se de um ponto de virada na correlação de forças da política partidária da cidade. Isto posto, findado o "tempo da fortaleza udenista", é preciso falar sobre o "tempo da União Joinvillense".

O TEMPO DA "UNIÃO JOINVILLENSE"

Sem demora, a questão sucessória em Joinville estava na ordem do dia logo no início de 1958. O industrial Baltasar Buschle já era cotado para concorrer ao Executivo municipal em fevereiro, pelo PRP, quando o PSD local, por meio de seu presidente, Adhemar Garcia, convidou o povo joinvilense e as agremiações partidárias da cidade a engrossar os quadros da candidatura sob o mote da "União Joinvillense" (Garcia, 1958, p. 1). Buschle era considerado uma pessoa sem compromissos partidários, sendo conhecido na cidade por ser industrial e por ter representado a região norte de Santa Catarina no Plano de Obras e Equipamentos, a primeira experiência de planejamento econômico no estado (Goularti Filho, 2005, p. 632).

O mote de uma candidatura desprovida de caráter político-partidário, de união da população joinvilense, carrega consigo uma dimensão simbólica de fácil identificação. Foi em função disso que o PTB resolveu também engrossar os quadros dessa candidatura, conforme alegou o presidente local do partido, Rodrigo Lobo (1958, p. 1). Da aliança entre PRP, PSD e PTB estava formada a União Joinvillense.

Aliás, os apologistas da União Joinvillense alegavam que a proposta de um candidato único era anterior ao falecimento de João Colin, com vistas à sucessão municipal de 1960, mas que passou a valer para 1958 (A verdade [...], 1958, p. 1). A escolha do nome de Baltasar Buschle aponta para esse sentido, uma vez que a cabeça da chapa seria ocupada pelo PRP, mas o industrial não possuía vínculos com a agremiação. Desse fato surgiu um dos principais imbróglios de tal pleito.

O governo de Santa Catarina era exercido por Jorge Lacerda, também do PRP, contudo, diferentemente de Baltasar Buschle, ele era um militante histórico das hostes de entusiastas de Plínio Salgado, desde os tempos das camisas-verdes, das braçadeiras com a letra grega sigma (∑) e da afeição aos experimentos políticos fascistas de ambos os lados do Atlântico (Falcão, 1999, p. 186; Athaides, 2012, p. 74). Em outras palavras, Jorge Lacerda foi adepto do integralismo, e Baltasar Buschle, não. Isso foi bastante explorado politicamente durante a campanha.

Nesse tom, alguns dos "velhos integralistas" e da "velha guarda" do integralismo manifestaram desencanto com o partido de Plínio Salgado marchando unido aos seus algozes do passado, o PSD, partido de Nereu Ramos, por meio de um candidato alheio à agremiação:

> Vitimado pela manobra pessedista, a agremiação de Plínio Salgado fez uma aliança que, se poderia fazê-lo, nunca o seria em Joinville. Município em que a população em sua maior parte é de descendência [*sic*] estrangeira, serviu de palco a acontecimentos de triste memória, exatamente à época em que, no Estado, poderes absolutos estavam concentrados nas mãos do atual chefe do pessedismo barriga-verde (Zigelli, 1958, p. 1).

Quer dizer, mesmo duas décadas após a extinção dos partidos operantes em meados da década de 1930, por meio da instalação do Estado Novo, em 1937, ainda havia um capital eleitoral associado à experiência política do integralismo a ser objeto de competição. Em outros momentos, articulistas da imprensa relataram que os adeptos do integralismo de outrora estavam apoiando a candidatura de Henrique Meyer Júnior (Panorama [...], 1958, p. 1; Integralistas [...], 1958, p. 1 e p. 4). Chama atenção como durante a década de 1950 a experiência do fascismo à brasileira não apenas não possuía a mesma conotação negativa atribuída aos seus congêneres europeus, mas também, ainda por cima, era alvo de disputa em contextos eleitorais.

Como agravante para a deserção das hostes integralistas à candidatura local do PRP, Jorge Lacerda apoiou o candidato da UDN, o industrial Henrique Meyer Júnior, e não o seu correligionário, Buschle. Muitas foram as vezes em que o governador esteve em Joinville durante o período eleitoral, sempre em viagens de caráter propagandista político-partidário (acompanhado de alguns integralistas de outrora, diga-se de passagem), explícito ou não, como para vistoriar obras, reunir-se com apoiadores e divulgar as realizações do seu mandato (Ataque [...], 1958, p. 1; Desespero, 1958, p. 1; Obras [...], 1958, p. 1).

A escolha de Henrique Meyer Júnior foi recheada de referências a João Colin. Muitas foram as homenagens ao político falecido, tanto na convenção udenista como durante o período eleitoral (Magnífico [...], 1958, p. 1 e p. 4). Além disso, segundo depoimento da filha de Colin, a campanha da UDN fez extensivo uso propagandístico da amizade pessoal entre João Colin e Henrique Meyer Júnior (Storrer, 1982).

Há indícios de dissidências trabalhistas no decorrer da campanha, como no caso de Domingo de Lemos, primeiro vice-presidente do diretório do PTB e suplente da Câmara de Vereadores. Ele abdicou da posição na cúpula partidária por discordar da posição da agremiação no pleito (Surge [...], 1958, p. 1 e p. 4). O fato foi bastante explorado pela campanha da UDN. Contudo, semelhante à objeção integralista à chapa com os algozes do passado, os dirigentes trabalhistas da cidade alegaram manter a posição ao lado de Baltasar Buschle "porque não podem estar ao lado daqueles [udenistas] que levaram o grande Getúlio Vargas ao suicídio" (Comícios, 1958, p. 1).

Uma vez apurado o escrutínio, o resultado foi surpreendente. Pela primeira vez, a UDN foi derrotada. Henrique Meyer Júnior obteve 9.323 votos (46,82%) contra 10.592 (53,18%) de Baltasar Buschle (Baltasar [...], 1958, p. 1). A proximidade entre a votação dos dois postulantes sinaliza uma disputa bastante acirrada. Suas implicações são significativas a longo prazo: de 1958 até o golpe de 1964, a correlação de forças mudou. O PSD ou os candidatos de outros partidos apoiados por ele foram vitoriosos nos pleitos municipais e mais votados nas eleições para o governo estadual, até o golpe de 1964. A balança eleitoral que até então havia pendido em favor da UDN agora se inclinava ao PSD.

Como peculiaridade a partir desse pleito, a apuração passou a ser publicada na imprensa por seção, sinalizando a quantidade de votos de cada candidato em cada urna. Esse tipo de informação fornece valiosos subsídios para a análise histórica da geografia do voto. Nas seções da região dos atuais bairros Atiradores e Anita Garibaldi os dois candidatos ficaram quase empatados: Meyer venceu por apenas alguns votos de vantagem (1.106 contra 1.062). Isso vale igualmente para a zona rural, aqui consideradas as seções de Pirabeiraba, do Vila Nova e dos arredores, onde Meyer obteve um pouco mais de 400 votos de vantagem (1.942 contra 1.474). Dada a pujança da UDN na zona rural, conforme atestado nas eleições anteriores, a desvantagem obtida por Baltasar Buschle – de não mais do que cinco centenas – pode ser considerada uma grande vitória. A principal derrota de Buschle veio na zona central da cidade, aqui considerando as

urnas dos atuais bairros do Centro, Saguaçu, América e Glória. Meyer obteve mais de mil votos de vantagem (3.811 contra 2.579).

Os revezes de Buschle na zona central e zona rural, contudo, foram compensados pelos ótimos resultados na zona sul e na zona leste, conseguindo mais de dois terços dos sufrágios em ambas as regiões. Apenas na zona sul, aqui considerando os atuais bairros do Bucarein, Floresta, Itaum, Santa Catarina e Itinga, Buschle obteve 2.117 votos de vantagem (3.893 contra 1.776), distância suficiente, por si só, para reverter as derrotas em outras localidades. Como agravante, na zona leste, das atuais regiões do Boa Vista, Bom Retiro, Iririú e Aventureiro, Buschle angariou quase 900 votos a mais (1.584 a 688).

Ou seja, a vitória da União Joinvillense deve ser considerada produto da junção entre a força eleitoral do PSD e PTB nos bairros marcados pela presença de trabalhadores urbanos, como visto no caso da zona sul e zona leste, somada à não desprezível força do PRP na zona rural, onde uma espécie de "contenção de danos" da candidatura de Baltasar Buschle minimizou a inconteste superioridade da UDN em tais localidades, outrora indefectível. Essas tendências da geografia do voto se manteriam mais ou menos semelhantes nos pleitos seguintes.

Em sentido mais amplo, a vitória da União Joinvillense pode estar associada a um processo maior de expansão capitalista e industrialização em Joinville. Foi precisamente na década de 1960, impulsionado pelo crescimento capitaneado pela indústria de plástico, refrigeração e metalurgia, que Joinville passou a ser o principal polo industrial de Santa Catarina (Mezadri, 2016, p. 197; Rocha, 1994, p. 56-57). A consequente explosão demográfica causada pelo crescimento econômico, com a chegada de grandes contingentes humanos para trabalhar na indústria, ajuda a explicar a mudança na correlação de forças, a partir da eleição de 1958, quando a posição de protagonismo da UDN passou a ser exercida pela União Joinvillense. A proporção de operários superou em muito a de trabalhadores rurais. Logo, o voto operário passou a decidir mais significativamente as eleições do que o voto rural.

Essa consideração coincide com a constatação da força do Partido Trabalhista Brasileiro nos bairros operários e periféricos dos centros urbanos de Santa Catarina, em detrimento da força do PSD e da UDN nos centros urbanos e nas zonas rurais (Dittrich, 1981, p. 83; Carreirão, 1990, p. 62). Em função disso, a recorrente aliança entre PSD e PTB, em Joinville, foi capaz de congregar sufrágios das regiões marcadas pela presença da classe trabalhadora e de bairros centrais, conhecidos pela ocupação de setores médios da pirâmide social.

Em comparação aos demais pleitos ora analisados, a eleição de 1958 parece ter sido aquela em que mais concórdia houve entre os candidatos, constatação observada pelas duas campanhas (Balthasar [...], 1958, p. 8; Final [...], 1958, p. 8) e pelo próprio Baltasar Buschle em depoimento concedido décadas após os acontecimentos. Segundo ele, a campanha não afetou a sua amizade pessoal com Meyer Júnior (Buschle, 1996).

A próxima eleição, de 1960, a última a ser analisada neste trabalho, contou com a reedição da União Joinvillense. Ainda em maio daquele ano, o nome de Helmut Fallgatter já era tido como certo para encabeçar a chapa formada por PSD, PRP e PTB. O respeitado comerciante e industrial da cidade, conhecido pela dinâmica gestão à frente da Sociedade Ginástica de Joinville, havia deixado a direção do jornal *A Notícia* no fim de abril. Pelo lado da UDN, por sua vez, a lista de pretendentes era grande e contava com personagens como Pedro Colin, Nilson Bender, Dario Geraldo Salles e Paulo Konder Bornhausen (Perfeição [...], 1960, p. 1 e p. 8).

A confirmação da indicação de Fallgatter não tardou. Naquele ano, assim como em 1955, estavam em disputa as vagas ao Poder Executivo nas três instâncias. Nesse sentido, a aliança PSD-PRP-PTB, de Joinville, coincidia com a coligação feita em nível estadual para a candidatura do pessedista Celso Ramos. Conforme anunciado:

> A Aliança Social-Trabalhista [PSD-PTB], com suas hostes reforçadas pelos valorosos contingentes integralistas [PRP], ressurge no Estado para dar a Celso Ramos em 3 de outubro grande e inevitável vitória. Em Joinville, sob a legenda da União Joinvillense, os três grandes partidos - PSD, PRP e PTB - Sagraram nas urnas o nome de Helmut Fallgatter (Celso [...], 1960, p. 1).

Chamamos a atenção para esse trecho em especial, porque, assim como em 1958, o capital político "integralista" era cobiçado. Em contrapartida, tal como na eleição anterior, os udenistas acusariam os integralistas de fazer aliança com seus algozes do passado (Outras verdades [...], 1960, p. 8). Nesse caso, falavam de Celso Ramos, irmão mais novo de Nereu e líder do PSD após o falecimento do interventor de outrora. Ou seja, 15 anos após o fim da guerra e 23 anos após a instauração do Estado Novo, a Ação Integralista Brasileira, partido político de efêmera duração (1932-1937), ainda era relevante, sob o prisma das disputas eleitorais, ao ponto de ser objeto de competição nos pleitos locais e regionais.

A campanha de Fallgatter apostava na continuidade administrativa da gestão de Baltasar Buschle, em uma maior atenção à agricultura e em acenos à classe trabalhadora e ao trabalhismo (O candidato [...], 1960, p. 1; Agricultura [...], 1960, p. 1; Trabalhador [...], 1960, p. 1). A candidatura ainda contou com importantes cabos eleitorais. O presidenciável Henrique Lott, do PSD, esteve em Joinville para um comício na Praça Nereu Ramos, juntamente com Ivete Vargas, Celso Ramos e Doutel de Andrade, entre outros (Marechal [...], 1960, p. 1). Jango veio para a cidade algumas semanas depois. Também na Praça Nereu Ramos, ele foi recebido com bastante calor popular e se dirigiu a uma multidão de joinvilenses, acompanhado de vários membros locais e regionais do PSD, PRP e PTB (Jango [...], 1960, p. 1 e p. 7).

Uma coisa que chamava a atenção na União Joinvillense era o grande número e o diversificado perfil de cabos eleitorais locais, a julgar pelos oradores dos comícios da coligação: industriais e comerciantes representando os setores empresariais e patronais da cidade, políticos trabalhistas e sindicalistas com prestígio entre o operariado urbano e figuras de boa influência nos setores rurais. Na prática, essa ampla frente eleitoral fazia a candidatura competitiva nos diversos contextos políticos e socioeconômicos da cidade.

O candidato da UDN acabou sendo Paulo Konder Bornhausen, filho do ex-governador Irineu Bornhausen (1951-1956) – este, por sua vez, buscava uma recondução ao Palácio d'Agronômica naquele ano. O advogado e empresário havia se radicado em Joinville em meados da década anterior, quando foi eleito deputado estadual em 1954, sendo presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e, em função disso, vice-governador catarinense por um curto período. Mais do que sua atuação profissional, o estabelecimento de "Paulinho" Bornhausen em Joinville atendeu a anseios de seu pai, que buscava uma desestabilização da tradicional liderança de João Colin em Joinville e redondezas. Com o falecimento deste, Paulo aproveitou a brecha na liderança udenista para estabelecer seu reduto eleitoral na região (Laus, 1985, p. 231 e p. 290-291).

Muito da campanha da UDN se baseou na transcrição de textos e falas de autoria de Fallgatter que supostamente desabonavam a autenticidade da sua candidatura pelo PSD. Nesses textos, de meados da década anterior, Fallgatter tecia elogios a Irineu Bornhausen, acusava João Goulart de corrupto e o responsabilizava pelo suicídio de Vargas e denunciava o enorme comprometimento de Juscelino Kubitschek com os interesses daqueles que o financiaram (Sem título [...], 1960, p. 1; Helmut [...], 1960, p. 1 e p. 4). Curiosamente, Fallgatter não negou as palavras outrora ditas. Ele justificou a instigante mudança de posicionamento como um indício de sua independência política e da ausência de fanatismo partidário (Uma resposta [...], 1960, p. 1 e p. 8).

A UDN também contou com um comício pomposo. A mesma Praça Nereu Ramos lotou para ver Jânio Quadros, Milton Campos, Irineu Bornhausen, Carlos Gomes de Oliveira e Paulo Bornhausen (Azambuja, 1960, p. 1 e p. 4). Jânio Quadros, pela imprevisibilidade que lhe era característica, fez um "memorável discurso", sem, contudo, citar e/ou apoiar Milton Campos à vice-presidência, Irineu Bornhausen ao governo estadual e Paulo Bornhausen à prefeitura de Joinville (Araujo, 2013, p. 338-339).

Talvez não por acaso, dos quatro postulantes mencionados, apenas Jânio saiu vencedor das urnas em Joinville. João Goulart derrotou Milton Campos, Celso Ramos bateu Irineu Bornhausen, e Helmut Fallgatter venceu Paulo Konder Bornhausen (Venceu [...], 1960, p. 1). No caso do Executivo municipal, a diferença foi pouca. Tratou-se do pleito local mais acirrado em toda a experiência democrática da República de 1946. Fallgatter obteve 14.428 sufrágios (51,02%) contra 13.847 alcançados por Paulo Konder Bornhausen (48,98%).

Em sua obra autobiográfica, Paulo Konder Bornhausen (2000, p. 21, grifos do autor) atribuiu a derrota ao espírito regionalista dos "líderes tradicionais da UDN local", que pouco se esforçaram na promoção da candidatura de um "estrangeiro", um "*itajaiense – carioca* com *cheiro* de Florianópolis, a quem a população fora induzida a acreditar tratar-se se um *centro de empregos* e um *reinado* da burocracia". Verdade ou não, essa interpretação fornece indícios de que a recorrente crítica de teor xenofóbico em contextos eleitorais se dava também no interior dos próprios partidos.

No que se trata da geografia do voto, é possível perceber a manutenção da tendência eleitoral apresentada no pleito anterior, em 1958, quando a União Joinvillense bateu a UDN pela primeira vez. Em nenhuma localidade a variação percentual da eleição de 1960 foi maior do que 5 pontos percentuais em relação ao pleito anterior. Fallgatter alcançou resultados parecidos nas zonas sul (atuais territórios do Bucarein, Floresta, Itaum, Santa Catarina e Itinga) e leste da cidade (atuais territórios do Boa Vista, Bom Retiro, Iririú e Aventureiro), onde obteve mais de três mil votos de vantagem em relação a Paulo Konder Bornhausen, com aproximadamente dois terços dos sufrágios nas localidades, e na zona central, onde a desvantagem foi de quase 1.200 votos, fato muito parecido com o que havia acontecido com Buschle nas mesmas regiões. A única variação mais perceptível aconteceu nas atuais localidades do Atiradores e Anita Garibaldi e na zona rural. Onde Buschle perdeu por um pouco mais de 500 votos (com aproximadamente 45% dos sufrágios), o revés de Fallgatter foi da ordem de mais de 1.300 sufrágios, orbitando a cifra dos 40% das cédulas eleitorais. Isso explica o resultado um pouco mais exíguo do que de dois anos antes, que, a propósito, já havia sido bastante apertado.

A título de conclusão, cumpre dizer: houve uma novidade nessa eleição. O postulante udenista, Paulo Konder Bornhausen – o "Paulinho" –, possuía apenas 30 anos quando a campanha teve início e completou 31 às vésperas da ida às urnas. A sua mocidade era apresentada como elemento de distinção (jovem, dinâmico, realizador, empreendedor...), em resposta às acusações etaristas de a sua tenra idade lhe impossibilitar a boa execução da administração do Executivo municipal, e recorrentemente convidava os jovens da cidade a engrossar os quadros da campanha (Jovens [...], 1960, p. 1; Bornhausen, 1960, p. 1). Por outro lado, textos de semelhante teor foram publicados pelos entusiastas da União Joinvillense. Citamos como exemplo um manifesto de jovens em favor das candidaturas de Fallgatter, Celso Ramos, Doutel de Andrade, João Goulart e Henrique Lott. Entre os signatários estavam alguns jovens que se tornariam pessoas conhecidas na política e na sociedade joinvilense nas décadas seguintes, tais como Ivan Rodrigues, Mário Cesar Cubas e Rodrigo Otávio Lobo (Manifesto [...], 1960, p. 1). Ou seja, como fato inédito, em 1960 o eleitorado jovem passou a ser disputado entre as candidaturas como

um grupo à parte. Assim como as candidaturas se dirigiam com discursos e propostas direcionados aos trabalhadores urbanos, aos agricultores rurais e aos empresários, agora os jovens também eram um desses grupos a ser minuciosamente pleiteados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar historicamente a política partidária em Joinville durante a experiência democrática da Terceira República, com foco nas cinco disputas pelo Executivo municipal no período: 1947, 1950, 1955, 1958 e 1960. A intenção foi fornecer alguns indícios para a compreensão histórica do panorama geral de cada pleito, caracterizando, na medida do possível, a correlação de forças em cada um deles, os principais assuntos do debate eleitoral e os desdobramentos a longo prazo de cada eleição.

Como resultado, é possível apontar algumas características do período avaliado. Nos cinco pleitos, PSD e UDN estiveram em lados opostos, cada qual com sua emissora de radiodifusão, seu periódico propagandista e sua rede político-empresarial. As duas agremiações não apenas estiveram em lados opostos, como também polarizaram as eleições. À exceção das quatro candidaturas de 1947, em que o terceiro e quarto colocados somados não ultrapassaram 12% dos sufrágios, e 1955, quando o terceiro colocado no pleito obteve apenas 1% dos votos válidos, as disputas ao Executivo municipal sempre foram realizadas por apenas dois candidatos – a UDN de um lado e o PSD do outro. Ou seja, as forças partidárias locais estiveram acostumadas a operar em uma dinâmica dicotômica.

Da mesma forma, havia uma perceptível proximidade entre o PTB e o PSD. Com exceção da primeira eleição do período, de 1947, os partidos sempre estiveram em coligação, o que garantiu bastante competitividade para as suas candidaturas nas regiões urbanizadas da cidade. A esse respeito, aliás, é possível perceber o melhor desempenho da UDN na região rural do município, em contraste às boas atuações da aliança PSD-PTB nas regiões urbanas da cidade e, em especial, nos bairros marcados pela presença da classe trabalhadora.

Em alguma instância, o fato de que a cidade estava em franco processo de industrialização e de explosão demográfica com a chegada de grandes contingentes para trabalhar na indústria ajuda a explicar a mudança na correlação de forças a partir da eleição de 1958, quando a posição de protagonismo da UDN passou a ser exercida pela União Joinvillense. A proporção de operários superou em muito a de trabalhadores rurais. Como resultado, o voto operário passou a decidir mais significativamente as eleições do que o voto rural.

A memória da guerra, do Estado Novo (da interventoria de Nereu Ramos e da Campanha de Nacionalização) e da experiência integralista continuou influenciando corações e mentes nas disputas eleitorais mesmo décadas após os acontecimentos. Isso sinaliza uma longa duração da afeição a certos projetos políticos em Joinville e em Santa Catarina.

Diante da inexistência de produções historiográficas sobre a política partidária de Joinville durante a República de 1946, este artigo buscou fornecer contribuições para tal debate, de maneira bastante inaugural. Manifestamos sincero desejo de que outros trabalhos sejam produzidos para aperfeiçoar as reflexões preliminares ora expostas e sofisticar a discussão historiográfica sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

7 VEREADORES da UDN; 4 do PSD e 2 do PTB – o resultado final. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 229, p. 1 e p. 7, 15 out. 1950.

ACALORADÍSSIMA discussão entre os membros do Diretório local do PTB. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 215, p. 1 e p. 7, 28 set. 1950.

ACEITOU a indicação de seu nome para disputar o governo municipal. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 196, p. 1, 5 set. 1950.

AGRICULTURA, principal meta dos próximos governos. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8087, p. 1, 27 jul. 1960.

A HISTÓRIA se repete. **A Notícia**, Joinville, ano XXXIII, n. 6639, 6 set. 1955. Coluna Social-Trabalhista, p. 3.

AMPLO programa de realizações em benefício dos operários. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 197, p. 8, 6 set. 1950.

ASSINALOU grande sucesso o comício aqui realizado pelo sr. Getúlio Vargas. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 208, p. 1 e p. 7, 20 set. 1950.

ATAQUE injustificável. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7415, 24 abr. 1958. Coluna da U.D.N., p. 1.

AUDITÓRIO do "Show" Udenista. **A Notícia**, Joinville, ano XXVIII, n. 5190, p. 1, 15 set. 1950.

A U.D.N. pede água… **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4386, p. 1, 16 nov. 1947.

A VERDADE sobre a escolha dos candidatos. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7416, 25 abr. 1958. Coluna da União Joinvillense, p. 1.

A VIRTUDE é a única nobreza. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4373, p. 1, 1 nov. 1947.

AZAMBUJA, Carlos Alberto. Jânio recebido apoteoticamente em Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 206, p. 1 e p. 4, 13 set. 1960.

BALTASAR Buschle é o Prefeito de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7430, p. 1, 13 maio 1958.

BALTHASAR Buschle e Henrique Meyer Jor. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7384, p. 8, 15 mar. 1958.

BORNHAUSEN, Paulo Konder. À mocidade de Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 212, p. 1, 20 set. 1960.

BUSCHLE, Ludovico Baltasar. **Ludovico Baltasar Buschle**: entrevista oral [9 maio 1996, Joinville]. Entrevistadora: Dúnia de Freitas Toaldo. Entrevista concedida ao Projeto Nossos Prefeitos. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 1996.

CANDIDATO A PREFEITO pelo P.T.B. e com o apoio do P.S.D. o snr. Rodrigo Lobo. **A Notícia**, Joinville, ano XXVIII, n. 5182, p. 1 e p. 8, 5 set. 1950.

CANDIDATO POUCO promissor… **A Notícia**, Joinville, ano XXVIII, n. 5186, p. 1, 10 set. 1950.

CELSO para o governo do Estado, Fallgatter para a Prefeitura de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8075, p. 1, 13 jul. 1960.

COLIN, João. Devagar João só. **Jornal de Joinville**, ano XXXII, n. 195, p. 1, 3 set. 1950. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

COMÍCIOS. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7417, 26 abr. 1958. Coluna da União Joinvillense, p. 1.

CRISE no Diretório Municipal local do Partido Trabalhista Brasileiro. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 213, p. 1 e p. 7, 26 set. 1950.

DARÁ o sr. Getúlio Vargas apoio integral aos problemas de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXVIII, n. 5.194, p. 1 e p. 8, 20 set. 1950.

DEPENDE da posição de João Colin a futura atitude de Henrique Meyer. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 49, p. 1 e p. 7, 1 mar. 1950.

DESESPERO. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7416, 25 abr. 1958. Coluna da U.D.N., p. 1.

EM TODOS os comícios só tem dito a verdade às multidões. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 212, p. 1 e p. 4, 24 set. 1955.

É O MAIOR! **A Notícia**, Joinville, ano XXXIII, n. 6642, 10 set. 1955. Coluna Social-Trabalhista, p. 3

EXCESSOS condenáveis. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4400, p. 1, 5 dez. 1947.

EXISTEM, mesmo, na UDN duas correntes que desejam candidatos diferentes ao governo. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 64, p. 1 e p. 7, 18 mar. 1950.

FALLGATTER, Helmut. Porque Colin venceu as eleições? **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 228, p. 1 e p. 4, 14 out. 1955.

FALLGATTER, Helmut Ernesto. **Helmut Ernesto Fallgatter**: entrevista oral [24 set. 1984, Joinville]. Entrevistadora: Dúnia de Freitas Toaldo. Entrevista concedida ao Projeto Nossos Prefeitos. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 1984.

FINAL do pleito para prefeito de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7431, 14 maio 1958. O que Interessa aos Joinvillenses, p. 8.

FORMADA poderosa corrente de opinião favorável à candidatura de João Colin. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 194, p. 1, 2 set. 1955.

GARCIA, Adhemar. Aos partidos políticos e ao povo de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7351, p. 1, 2 fev. 1958.

GONÇALVES, Jota. Joinvilenses! **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 193, p. 1, 1 set. 1955.

HELMUT Fallgatter gosta de pular de galho em galho. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 219, p. 1 e p. 4, 28 set. 1960.

INSULTO e ingratidão. **A Notícia**, Joinville, ano XXVIII, n. 5180, p. 1, 3 set. 1950.

INTEGRALISTAS de Joinville defendem o sr. Jorge Lacerda. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 98, p. 1 e p. 4., 1 maio 1958.

INTOLERANTES, rixentos e desordeiros. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4380, p. 8, 9 nov. 1947.

IRINEU Bornhausen afirma que não há divergências entre udenistas. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 61, p. 1 e p. 7, 15 mar. 1950.

JANGO falará hoje em Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXIII, n. 6654, 24 set. 1955. Notas Políticas, p. 1.

JANGO falou para milhares de joinvillenses. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8134, p. 1 e p. 7, 22 set. 1960.

JOÃO COLIN, LACERDA e Juscelino, os vitoriosos das eleições em Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 222, p. 1 e p. 4, 7 out. 1955.

JOÃO COLIN MUITO calmo em face da vitória que alcançou. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 225, p. 1 e p. 4, 11 out. 1955.

JOÃO COLIN RETORNARÁ à Prefeitura para prosseguir uma grande obra. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 218, p. 1, 1 out. 1955.

JOINVILLE, comovida, prestou as últimas homenagens ao prefeito morto. **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7313, p. 1, 15 dez. 1957.

JOVENS, juventude e Paulinho! **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 212, p. 1, 20 set. 1960.

LOBO, Rodrigo. Partido Trabalhista Brasileiro. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVI, n. 7379, p. 1, 9 mar. 1958.

MAGNÍFICO espetáculo de civismo a convenção municipal da U.D.N. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 62, p. 1 e p. 4, 16 mar. 1958.

MAIS DE 3 mil pessoas aclamaram o sr. João Colin em plena via pública. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 204, p. 1 e p. 4, 15 set. 1955.

MANIFESTO ao povo. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8124, 10 set. 1960. Coluna da Mocidade Joinvillense, p. 1.

MARECHAL Henrique Teixeira Lott falou ontem a milhares de joinvillenses. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8119, p. 1, 3 set. 1960.

MELHOR o estado de saúde do Dr. João Colin. **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7303, p. 1, 3 dez. 1957.

NÃO HAVERÁ modificações no plano administrativo. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 74, p. 1 e p. 6, 31 mar. 1950.

NÃO OLVIDEMOS o passado. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4377, p. 1, 6 nov. 1947.

"NOMES de homens e de partidos deverão ser postos à margem". **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 61, p. 1 e p. 7, 15 mar. 1950.

OBRAS do governo do estado. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 100, p. 1, 4 maio 1958.

OBTERÁ a vitória o sr. João Colin. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXVII, n. 207, p. 1, 18 set. 1955.

O CANDIDATO vai ao povo. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8081, p. 1, 20 jul. 1960.

O ESTADO de saúde do Dr. João Colin. **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7302, p. 1, 1 dez. 1957.

O EXEMPLO das donas de casa. **A Notícia**, Joinville, ano XXXIII, n. 6637, 3 set. 1955. Coluna Social-Trabalhista, p. 3.

O GRANDE candidato. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4375, p. 1, 4 nov. 1947.

OLHEMOS para o futuro. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4376, p. 1, 5 nov. 1947.

O POVO está farto de mentiras. **A Notícia**, Joinville, ano XXXIII, n. 6645, 14 set. 1955. Coluna Social-Trabalhista, p. 3.

O RESULTADO final das eleições no município. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4399, p. 1, 4 dez. 1947.

ORGANIZADO o programa da recepção a Getúlio Vargas. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 206, p. 1, 17 set. 1950.

OUTRAS VERDADES… **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 212, p. 8, 20 set. 1960.

PANORAMA político. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 91, p. 1, 23 abr. 1958.

PERDE Joinville um de seus filhos ilustres. **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7312, p. 1 e p. 8, 13 dez. 1957.

PERFEIÇÃO de uma ordem dentro de um grupo partidário em Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8022, p. 1 e p. 8, 8 maio 1960.

PINGO do Dia. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 197, p. 3, 6 set. 1950.

RAMOS, Rubens de Arruda. Para bom entendedor... **O Estado**, Florianópolis, ano XLIV, n. 13338, p. 1, 15 maio 1958.

RENUNCIOU ontem o prefeito João Colin. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 73, p. 1, 30 mar. 1950.

RESULTADOS finais das eleições no município de Joinville. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4401, p. 1, 6 dez. 1947.

ROLF Colin e as promessas. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 199, 9 set. 1950. Coluna da U.D.N., p. 3.

"RUA DR. JOÃO Colin". **A Notícia**, Joinville, ano XXXV, n. 7315, p. 1, 18 dez. 1957.

"SABEMOS o que queremos e para onde vamos" - disse, ontem, o sr. João Colin. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 50, p. 1 e p. 7, 2 mar. 1950.

SEM TÍTULO. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 198, p. 1, 2 set. 1960.

"SERÁ um desastre para o município um governo local em oposição ao governo do estado". **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4391, p. 1, 22 nov. 1947.

STORRER, Rosemarie Colin. **Rosemarie Colin Storrer**: entrevista oral [19 out. 1982, Joinville]. Entrevistadora: Dúnia de Freitas Toaldo. Entrevista concedida ao Projeto Nossos Prefeitos. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 1982.

SURGE séria crise nas hostes petebistas de Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 102, p. 1 e p. 4, 7 maio 1958.

TRABALHADOR e trabalhista. **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8108, p. 1, 21 ago. 1960.

UMA RESPOSTA aos distribuidores de "balanços políticos". **A Notícia**, Joinville, ano XXXVIII, n. 8129, p. 1 e p. 8, 16 set. 1960.

UM CANDIDATO e um programa. **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4374, p. 1, 2 nov. 1947.

VENCEU o Sr. Janio Quadros o páreo eleitoral em Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XLII, n. 225, p. 1, 6 out. 1960.

VERDADEIRAMENTE crítica a situação do diretório municipal local do PTB. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XXXII, n. 214, p. 1 e p. 7, 27 set. 1950.

VIOLÊNCIAS em Joinville… **A Notícia**, Joinville, ano XXIV, n. 4383, p. 1, 13 nov. 1947.

ZIGELLI, Walter. Ontem e hoje. **Jornal de Joinville**, Joinville, ano XL, n. 89, p. 1, 19 abr. 1958.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARAUJO, Camilo Buss. **Marmiteiros, agitadores e subversivos**: política e participação popular em Florianópolis, 1945-1964. 2013. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma**: afetividades políticas e fascismos. 2012. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 397-419, 2021.

BORNHAUSEN, Paulo Konder. **Retrato político de uma época II**: 1960-1982. Florianópolis: Insular, 2000.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto: Edusp, 1988.

CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistema partidário em Santa Catarina**: 1945-1979. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DITTRICH, Regina Iara Regis. **O deputado catarinense**: Assembleia Legislativa no período de 1947 a 1965. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra interna (Integralismo, Nazismo e Nacionalização). *In*: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p. 167-198.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **Lócus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 251-275, 2018.

GOULARTI FILHO, Alcides. O planejamento estadual em Santa Catarina de 1955 a 2002. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 627-660, jun. 2005.

JOINVILLE. **Decreto n.º 685/57, de 12 de outubro de 1957**. Joinville, 1957.

LAUS, Sônia Pereira. **A UDN em Santa Catarina (1945-1960)**. 1985. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e políticos de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: História Oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MEZADRI, Fernando. A Associação Comercial e Industrial de Joinville (SC) (Acij): a elite empresarial e o domínio local. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 195-218, 2016.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville (SC)**: da gênese às exportações. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.